

## **INTERAÇÃO E LINGUAGEM: NOTAS SOBRE A FALA DE IDOSOS EM SITUAÇÕES COMUNICATIVAS**

**Nirvana Ferraz Santos Sampaio<sup>1</sup>**

**Kátia Fernandes Bernardo<sup>2</sup>**

**Tauana Nunes Paixão<sup>3</sup>**

nirvanafs@terra.com.br

kaubernardo@yahoo.com.br

tau-np@hotmail.com

**RESUMO:** O presente artigo pretende abordar, de forma sucinta, o funcionamento da linguagem de um sujeito com a Doença de Alzheimer e um sujeito com afasia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Afasia; Doença de Alzheimer; Neurolingüística.

### **INTRODUÇÃO**

Neste artigo, apresentamos notas sobre os resultados da pesquisa que desenvolvemos com idosos com problemas de linguagem (afasia ou problemas que estão na relação entre linguagem/memória/atenção) que convivem em um asilo para idosos.

A partir da apreensão, compreensão e análise das representações que esses idosos constroem sobre o espaço asilar em que se encontram, sobre si mesmos, bem como sua inserção nessa instituição e sua distância da família, do trabalho e aproximação e vivência do dia-a-dia do asilo (nos momentos em que falam de si e do outro, das crenças, valores e comportamentos), investigamos o funcionamento da linguagem desses sujeitos. Dessa forma,

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

<sup>2</sup> Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

<sup>3</sup> Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

apresentamos e caracterizamos as suas (im)possibilidades lingüísticas e observamos os momentos em que os sujeitos se voltam para a sua própria fala.

## 1. LINGUAGEM E INTERAÇÃO: A PARTIR DA NEUROLINGÜÍSTICA DISCURSIVA

A base teórico-metodológica deste trabalho é a Neurolinguística Discursiva (ND) que Coudry (1988; 2002; 2008) vem desenvolvendo. Essa abordagem discursiva é utilizada para avaliar e compreender processos de significação, patológicos ou não, que ocorrem na linguagem do sujeito afásico. A partir dessa perspectiva, conforme a autora, explicitam-se

e se tratam conceitualmente princípios que, desde o início, nortearam os estudos neurolingüísticos de tradição proeminentemente lingüística: a questão dos processos de significação. **Enunciativo** porque importa a **enunciação para o outro**, em meio a contingências próprias de uso social da linguagem; **discursivo** porque é a forma da linguagem expor-se como atividade significativa, condicionada por fatores ântropoculturais dissimulados ou aparentes (Coudry, 1988, p. 12 ).

Essa Neurolingüística critica a avaliação de linguagem parcialmente realizada e exercida sobre o domínio da tradição escrita normativa e apartada do exercício intersubjetivo e social da linguagem, padronizada para sujeitos ideais. Segundo Coudry (2008), a Neurolingüística Discursiva é formada por um grupo de “teorias e práticas, cuja concepção de linguagem, ao contrário de uma visão organicista, concebe língua, discurso, cérebro e mente como construtos humanos que se relacionam”. Todo estudo baseado na tradição discursiva, como este, desenvolve testes lingüístico-cognitivos baseados em experiências discursivas, que tenham lógica para as pessoas de nossa sociedade. As práticas discursivas estão representadas em sessões com o uso da leitura, da escrita e da fala. Contrapondo, desta forma, aos testes psicométricos que privilegiam a norma culta e as atividades descontextualizadas. Essa Neurolingüística questiona ainda sobre “*que chances têm nossos sujeitos afásicos, falantes de variedades vernaculares, se forem avaliados a partir de testes pautados em uma variante padrão veiculada pela escola?*” (Coudry, 2002, p.112).

Para essa perspectiva, a linguagem é considerada como atividade constitutiva, baseando em Franchi (1977), que sustenta e que é sustentada na interação social e não como um código de comunicação.

A linguagem é ela mesma um trabalho pelo qual, histórica, social e culturalmente, o homem organiza e dá forma a suas experiências. Nela se produz, do modo mais admirável, o processo dialético entre o que resulta da interação e o que resulta da atividade do sujeito na constituição dos sistemas lingüísticos, as línguas naturais de que nos servimos. (FRANCHI, 1977, p.54)

Neste trabalho, consideramos relevantes também conceitos como: situação comunicativa, evento comunicativo, ato de fala. A situação comunicativa é uma unidade social na qual tem lugar uma atividade de tipo interacional culturalmente definida, como, por exemplo, uma cerimônia, uma reunião, uma festa, etc., onde o emprego da fala não tem por que ser imprescindível, ou seja, é marcada pela fala ou pela ausência da fala. Uma *situação comunicativa* é uma interação social de caráter amplo assentada no ponto de vista de uma comunidade. O *evento comunicativo*, por outro lado, é a unidade social que se encontra no interior de uma situação comunicativa e que compreende as interações nas quais os usos dos códigos comunicativos são regulados por regras de uso comunicativo. Entre as regras, estão as que regulam a fala, ora para que esta se produza, ora para que não se produza. Os códigos verbais têm função constitutiva, mas o verbal não é o único elemento que pode constituir o evento, pois o que encontramos no mundo real são situações em que o verbal se entrecruza com o não verbal para sustentar os eventos comunicativos. Por fim, o conceito de *ato de fala* que Hymes (1967, p. 20), inspirado em Austin, define, inicialmente, como a menor unidade social analisável, dotada de intenção comunicativa. Em 1972, o autor reformula o conceito, estabelecendo a diferença entre essa unidade, considerada de natureza social, e as unidades gramaticais ou sintáticas.

A metodologia empregada para a realização deste trabalho parte do acompanhamento longitudinal de dois sujeitos: EM e AJ. Temos como fundamento básico o modelo epistemológico pautado no singular, no detalhe, que aguarda relação com aquilo que o investigador se propõe a compreender do ponto de vista teórico, ou seja, o paradigma indiciário explicitado pelo historiador Carlo Ginzburg (1986).

No escopo das ciências humanas, esse modelo baseado no singular apareceu no final do século XIX. O paradigma indiciário define algumas questões metodológicas importantes (i) em relação aos critérios de identificação e triagem dos dados (um dado é singular à medida que pode ser tomado como representativo de algo que é teoricamente revelador já que nem tudo que é incomum é, necessariamente, singular no sentido aqui adotado) e (ii) em relação ao que se toma como rigor metodológico, um rigor flexível, em que contam outros fatores, como a intuição do investigador para observar o singular e a sua capacidade para formular hipóteses teóricas e explicativas a respeito do surpreendido.

Essa metodologia permite uma maior interação entre pesquisador e sujeito. Buscamos gravar esses sujeitos em atividades significativas para retirarmos os dados que são detalhes,

indícios que guardam relação com aquilo que o investigador se propõe a compreender do ponto de vista teórico.

## 2. NOTAS SOBRE ALGUNS DADOS

Apresentamos neste item alguns dados relacionados ao funcionamento da linguagem dos sujeitos EM e AJ em eventos comunicativos. EM, 51 anos, diabético e hipertenso, teve um Acidente Vascular Cerebral (AVC) e, como seqüela, ficou com afasia e hemiplegia à direita. Hoje, encontra-se em uma instituição asilar. No prontuário da instituição, encontramos registrado que EM é disfásico e tem um discurso incoerente, enfocamos os primeiros contatos com o sujeito EM.

AJ, por outro lado, tem 91 anos, histórico de hipertensão, osteoporose e, atualmente, locomove-se em uma cadeira de rodas por conta de uma fratura no fêmur. AJ é, presumidamente, portadora do mal de Alzheimer. Com o acompanhamento através, principalmente, de diálogos livres e contextualizados procuramos pautar as inter-relações que se pode estabelecer entre o funcionamento da linguagem e da atenção com base em indícios presentes na fala do supracitado sujeito.

No evento comunicativo transcrito abaixo, observamos um trecho de um diálogo entre EM e Itp, aluna da iniciação científica, sobre os remédios que EM toma, sobre a sua família, assuntos de interesse do sujeito.

Sigla do locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não verbal
Itp	E o senhor toma remédio?		
<b>EM</b>	<b>Toma...</b>		
Itp	Quantos remédios o senhor toma?		
<b>EM</b>	<b>1</b>		<b>mostrando com o dedo também</b>
Itp	Me mostra aqui		oferecendo as mãos
Itp			pega a mão do pesquisador e segura dois dedos
Itp	O senhor toma dois comprimidos?		
<b>EM</b>	<b>Não! 2,2</b>		
Itp	Dois dias sim, dois dias não?		
<b>EM</b>	<b>Não! 1,2</b>		<b>Sinalizando com o dedo, movimentando a mão.</b>
Itp	Ah! Entendi: de manhã o senhor toma um e a tarde o senhor toma outro. Ah, entendi! (...)	Tom afirmativo	

Itp	E o senhor tem filhos? Quantos filhos o senhor tem?		
<b>EM</b>	<b>1, 2, 3, 4, 5</b>		
Itp	Tudo isso?!	Tom de surpresa	
Itp			faz sinal com as mãos pedindo para esperar
<b>EM</b>	<b>Aqui oh: 1...2...3...4...5...6...7.Ai</b>		<b>faz sinal com as mãos colocando-os de um lado</b>
Itp	Parou né?		
<b>EM</b>	<b>Tem mais...</b>		
Itp	Tem mais?! Quantos mais?		
<b>EM</b>	<b>1,2. Aqui</b>		<b>sinal com as mãos separando-os do outro lado.</b>
Itp	Ah, entendi! O senhor tem sete que não mora aqui e dois que mora aqui.		
<b>EM</b>	<b>Não!</b>		
Itp	Han... o quê? Me explica aí.		
<b>EM</b>	<b>Oh: 1,2,3,4,5,6,7...</b>		
Itp	Han... parou...		
<b>EM</b>	<b>Tá aqui 1...</b>		
Itp	Sim...		
<b>EM</b>	<b>Tá aqui . 2 ta ai.</b>		
Itp	Ta ai onde?		
<b>EM</b>	<b>Aqui!</b>		
Itp	Tudo aqui em Conquista?		
<b>EM</b>	<b>É...!</b>		
Itp	Ah ta!		
<b>EM</b>	<b>AÍ, 2.</b>		
Itp	Tá aqui em Conquista também?		
<b>EM</b>	<b>É...</b>		
Itp	Hum...		
<b>EM</b>	<b>Tudo, tudo, tudo...</b>		
Itp	Tudo de uma mulher só? Você teve todos esses filhos de uma mulher só? Então 7 de um...	Tom de questionamento	
<b>EM</b>	<b>Não!</b>		
Itp	Então como é que foi?		
<b>EM</b>	<b>1...</b>		
Itp	Sim...		
<b>EM</b>	<b>2</b>		
Itp	Um foi de uma mulher só?		
<b>EM</b>	<b>É...</b>		
Itp	Sim...		
<b>EM</b>	<b>Ai vai, vai, vai...</b>		
Itp	Os outros foram de outras mulheres...		
<b>EM</b>	<b>É... (...)</b>		
Itp	O senhor vê televisão?		
<b>EM</b>	<b>Não!</b>		
Itp	Aqui tem televisão?		
<b>EM</b>	<b>Ó... 2 taí</b>		
Itp	Duas o que? Televisão?		
<b>EM</b>	<b>É. (...)</b>		
Itp	Antes do senhor vir pra cá,		

	o senhor trabalhava?		
<b>EM</b>	<b>Trabalhava.</b>		
Itp	Em que o senhor trabalhava?		
<b>EM</b>	<b>Ó! 1...2...3...4...5...6</b>		
Itp	O senhor teve seis trabalhos?		
<b>EM</b>	<b>Foi.</b>		

QUADRO 1. Dado 1<sup>4</sup>

O sujeito EM baseia-se na fala do seu interlocutor para responder as perguntas, o que, segundo Novaes-Pinto (2008), é uma característica do idoso que “acaba se apoiando mais nas falas de seus interlocutores a fim de suprirem suas dificuldades psicofísicas”. Além disso, para EM, devido a sua condição de afásico, a fala do outro se torna ainda mais necessária. Nesse sentido, se a avaliação e acompanhamento do sujeito acontecem de forma descontextualizada, perde-se os momentos em que o sujeito utiliza esse recurso e o déficit apresenta-se em maior dimensão.

De acordo com Coudry (2002), quando se propõe um trabalho com sujeito cérebro-lesado, deve-se levar em conta a relação entre o sujeito, o outro e as realidades simbólicas mediadas pela linguagem. Dessa forma, ao contrário de um sujeito apagado e de uma língua(gem) una e pronta, a Neurolingüística Discursiva pondera o sujeito a partir do trabalho coletivo entre interlocutores e, a linguagem, como ação simbólica. Assim, EM, em cada resposta, tem como suporte a fala do seu interlocutor, como pode ser verificado no quadro 1.

Ao ser questionado sobre a profissão que exercia antes do AVC, EM, a partir do trabalho coletivo entre interlocutores, consegue se fazer entender, vejamos:

<sup>4</sup>Dado apresentado no trabalho “O funcionamento da linguagem do idoso” (Paixão e Sampaio, 2008), que consta nos anais do Conpex (2008).

<b>Sigla do locutor</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal</b>	<b>Observações sobre as condições de produção do enunciado não verbal</b>
Ins	Em que o senhor trabalhava?		
<b>EM</b>	<b>Não sei.</b>		<b>Balançando a cabeça negando.</b>
Ins	O senhor não sabe ou não consegue falar?	Tom questionador.	
<b>EM</b>	<b>Isso.</b>	<b>Tom afirmativo.</b>	<b>Balança a cabeça afirmando.</b>
Ins	Não consegue falar a palavra?		
<b>EM</b>	<b>Isso.</b>	<b>Tom afirmativo.</b>	
Ins	O senhor era motorista?		
<b>EM</b>	<b>Isso.</b>	<b>Tom afirmativo.</b>	
Ins	Que tipo de carro o senhor dirigia?		
<b>EM</b>	<b>Tudo.</b>		
Ins	Tudo o quê?		
<b>EM</b>	<b>Tudo, tudo.</b>		
Ins	Caminhão?		
<b>EM</b>	<b>Sim! Oh! Oh! um, oh! Oh! 2.</b>		<b>Faz sinal de chamamento com a mão e gesticula com um dedo, depois com dois dedos. Como se fossem passageiros em um ponto de ônibus.</b>
Ins	Ônibus?		
<b>EM</b>	<b>Isso!</b>		
Ins	O senhor transportava pessoas?		
<b>EM</b>	<b>Isso!</b>		
Ins	O senhor dirigia carros pequenos, ônibus e caminhão?		
<b>EM</b>	<b>Sim!</b>		<b>Com um sorriso.</b>
Ins	Então o senhor viajava muito! O Brasil todo!		Itp mostra algumas fotos de paisagens brasileiras e EM se emociona muito.

**QUADRO 2.** Dado 2.

Com base na literatura da Neurolingüística Discursiva, o sujeito cérebro lesado é interpretado a partir do funcionamento da sua linguagem, que perde a conotação basicamente patológica e ganha outro sentido, ou seja, o que a literatura especializada chama de patológico, a Neurolingüística Discursiva abrange como processos de significação utilizados na tentativa de garantir a efetividade de se significar na interação. No episódio acima, EM, por meio de gestos, faz seu interlocutor compreender que ele era motorista de ônibus, esse processo é inerente ao funcionamento da língua(gem) e não tem vínculo necessariamente direto com a lesão neurológica em si.

Abaixo, apresentamos alguns dados relacionados ao estudo de caso AJ. Nele verificamos a relação entre linguagem/memória/atenção<sup>5</sup>.

No quadro 3, Ikb lê uma pequena estória para AJ no salão de atividades. A estória traz um relato de um menino que quebrou uma vidraça jogando bola e por temer ser repreendido pelos pais, coloca a culpa em outra criança. Numa mesa próxima, outra pesquisadora conversa com outro morador do Albergue.

Sigla do locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
	RECORTE		
Ikb	Quem quebrou a vidraça AJ?		
<b>AJ</b>	<b>Não fui eu</b>		
Ikb	Não?		
<b>AJ</b>	<b>Está duvidando de mim?</b>	<b>Finge choro</b>	
Ikb	A senhora já quebrou alguma janela brincando de bola?		
FS	Ela bate em todo mundo		
<b>AJ</b>	<b>Eu bato mesmo!</b>		
Inr	O que é isso? Vai bater em quem?		
<b>AJ</b>	<b>Em quem quebrou a vidraça</b>		
	RECORTE		

**Quadro 3** – Dado 3

O dado 3 é indício de que: a) AJ direciona o tema da estória ao seu propósito, ela direciona o que faz parte da estória a sua vida e se insere na cena como se participasse do que transcorreu no texto, “*não fui eu*” “*Está duvidando de mim?*” b) AJ desvia a sua atenção para uma situação paralela, que se passa na mesa ao lado e, quando escuta o senhor FS falando a seu respeito, “*Ela bate em todo mundo*”, ela afirma “*eu bato mesmo*” e retoma a estória “*Em quem quebrou a vidraça*”. Dessa forma, a fala de Ikb, aluna de iniciação científica, é o fio condutor no evento comunicativo.

Contextualizando o quadro 4, Ikb leva um esmalte para pintar as unhas de AJ e dialoga com ela a respeito desse objeto.

<sup>5</sup> Esses são alguns dos dados abordados no trabalho “Linguagem, atenção e memória: estudo do caso AJ” (Bernardo e Sampaio, 2009) que consta nos Anais da Abralim em Cena Espírito Santo (2009).



Sigla do locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado	Observações sobre as condições de produção do enunciado não-verbal
Ikb	Olha só o que eu trouxe AJ!		
<b>AJ</b>	<b>Hum, é rouge?</b>		
Ikb	Não. Veja só.		Abre o recipiente do esmalte E mostra o pincel.
<b>AJ</b>	<b>É batom!</b>	Tom de admiração	<b>Toma o pincel da mão de Ikb e tenta levar aos lábios</b>
Ikb	Não, não! É esmalte vermelho, como você pediu que eu trouxesse. Vou pintar suas unhas.		
<b>AJ</b>	<b>Você vai?</b>		
Ikb	Vou. Gosta dessa cor?		Começa a pintar as unhas de AJ
<b>AJ</b>	<b>Gosto.</b>		
Ikb	Que cor é essa?		
<b>AJ</b>	<b>Azul</b>	<b>AJ ri</b>	
Ikb	Veja bem. É vermelho! Não foi essa a cor que pediu?		
<b>AJ</b>	<b>É vermelho!</b>		
	RECORTE		
Ikb	Então, o que é isso?		Mostrando o vidro de esmalte de unhas.
<b>AJ</b>	<b>É batom!</b>		
Ikb	Não senhora, lembra? É esmalte. Para que serve?		
<b>AJ</b>	<b>Para passar no... (palavra torpe)</b>		
	RECORTE		
<b>AJ</b>	<b>Posso trançar o seu cabelo?</b>		<b>Passa a mão nos cabelo de Ikb</b>
Ikb	Pode sim		
<b>Aj</b>	<b>Eu fazia “popa” nos meus</b>		
Ikb	Quando era “menina”?		
<b>AJ</b>	<b>Sim.</b>		
Ikb	Fazia “popa” para passear?		
<b>AJ</b>	<b>Era..</b>		
Ikb	Quem fazia a “popa”, a senhora mesmo ou sua mãe?		
<b>AJ</b>	<b>As vezes eu, as vezes era minha mãe...</b>		
Ikb	Aonde você ia de “popa”? Para escola, para festa...		
<b>AJ</b>	<b>Para o... (palavra torpe)</b>		
	RECORTE		

Quadro 4 – dado 4

Observa-se, no dado 4, que quando confrontada com perguntas a respeito do passado, o que requer uma retomada à memória, ou mesmo quando se trata de uma resposta mais elaborada, AJ desvia a sua atenção, muda de tópico conversacional, como ocorre no dado 3, ou reage com palavras torpes (palavrões) e gestos obscenos que não são aceitos socialmente, o que interfere nas questões pragmáticas, como se observa acima e em outras situações.

No dado 4, verifica-se que AJ, geralmente, não consegue nomear os objetos que lhe são apresentados referindo-se a eles por sua função ou formato, ao ver um batom, por

exemplo, não conseguiu lembrar-se do nome, mas, fez gesto de “jogar beijo” com os lábios e disse que era um “cilindro”.

Assim, muito antes de rotular as suas dificuldades, consideramos que o importante é verificar o funcionamento da sua linguagem em meio a outras funções cognitivas, tais como memória e atenção. Até o momento, verificou-se que, por meio da observação da competência pragmático-textual de AJ nas situações comunicativas, o sujeito em questão tem dificuldades de memória, atenção e conseqüentemente de linguagem, uma vez que consideramos a intersecção desses processos cognitivos.

### 3. NOTAS FINAIS

Neste trabalho, a partir da avaliação e acompanhamento longitudinal de EM e AJ, buscamos observar suas (im) possibilidades lingüísticas e caracterizá-las, analisando os momentos em que esses sujeitos se voltam para a sua própria fala e como utilizam a fala do outro para sustentar os seus turnos conversacionais. Considera-se aqui que no funcionamento de linguagem no contexto patológico podem perfilhar-se modos de arranjo e estruturação próprios da linguagem e que movimentos do processo enunciativo-discursivo são constitutivos desse funcionamento.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. COUDRY, M.I.H. *Diário de Narciso: discurso e afasia*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
2. COUDRY, M.I.H. Linguagem e Afasia: Uma abordagem discursiva da Neurolingüística . In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 42, Campinas, IEL, UNICAMP, 99-129. 2002.
3. COUDRY , M. I. H. Neurolingüística Discursiva: Afasia como tradução In: Maria Irma H. Coudry, Cinthia Ishara e Nirvana Ferraz (orgs.). *Estudos da Língua(gem)*. Número temático: Estudos em Neurolingüística. v. 6, n.1, junho de 2008 (*a sair*);
4. FRANCHI, C. Linguagem – Atividade constitutiva. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n. 22.1977/1992. p. 9-39.
5. GUINZBURG, C. Sinais: Raízes de um Paradigma Indiciário. In: Carlo Guinzburg. *Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia de Letras, 1989.p.143-180.
6. HYMES, D. Models of the Interaction of Language and Social Setting, *Journal of social issues*, vol XXIII, n.º 2, pp 8-28. 1967.

7. NOVAES-PINTO, R.C. e BEILKE, H.M. Avaliação de linguagem na demência de Alzheimer. In: Maria Irma H. Coudry, Cinthia Ishara e Nirvana Ferraz (orgs.). *Estudos da Língua(gem)*. Número temático: Estudos em Neurolinguística. v. 6, n.1, junho de 2008 (a sair)

**RESUMO:** O presente artigo pretende abordar, de forma sucinta, o funcionamento da linguagem de um sujeito com a Doença de Alzheimer e um sujeito com afasia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Afasia; Doença de Alzheimer; Neurolinguística.

**ABSTRACT:** The aim of this article is to discuss the mechanism of language in the Alzheimer's disease and aphasia.

**KEYWORDS:** Aphasia; Alzheimer disease; Neurolinguistics.

Recebido no dia 03 de junho de 2009.

Artigo aceito para publicação no dia 31 de julho de 2009.